

“É LÍCITO FAZER O BEM”: MATEUS 12 E AS ATIVIDADES DE MISSÃO NO SÁBADO

Vanderlei Dorneles¹

Resumo: Em Mateus 12:1-8, os fariseus criticam Jesus e seus discípulos por colherem espigas no sábado. Jesus defende os discípulos recorrendo ao exemplo de Davi e seus homens, que comeram os pães sagrados reservados apenas aos sacerdotes, e ao exemplo dos sacerdotes que, sem culpa, trabalhavam aos sábados. De modo geral, os intérpretes consideram que Jesus resgata o sábado do pesado fardo da tradição judaica, restituindo-lhe seu verdadeiro significado e propósito. O contexto seria o da casuística judaica, e Jesus estaria afirmando que o seu jugo é leve em comparação com as pesadas regras sabáticas mantidas pelos fariseus. Nessa perspectiva, alguns argumentam que as necessidades humanas precedem a lei. No entanto, em Mateus, Jesus afirma que “nem só de pão viverá o homem”, mas de “toda palavra” de Deus (Mt 3:4). Para ele, as necessidades humanas não precedem a palavra de Deus. A Torá proibia os israelitas até mesmo de ir ao campo para colher alimentos no sábado (Êx 16:27-30). Além disso, Davi e seus homens, assim como os discípulos de Jesus, estavam famintos, ao passo que os sacerdotes não estavam. O que os três grupos têm em comum não é a fome, mas o fato de estarem todos engajados em um trabalho ordenado por Deus — a qual parece ser a única atividade que precede a lei do sábado. Este artigo utiliza uma metodologia exegética e compara os três grupos sob o aspecto de seu trabalho em relação às leis divinas, e não com base em necessidades físicas. A premissa é que Mateus 12 não trata da maneira correta de guardar o sábado, mas sim do que é lícito fazer aos sábados por parte daqueles que foram comissionados por Deus.

Palavras-chave: sábado; comissão; obreiros; evangelho.

“IT IS LICIT TO DO GOOD”: MATTHEW 12 AND THE MISSION WORK ON THE SABBATH

Abstract: In Matthew 12:1-8, the Pharisees attack Jesus and his disciples for picking heads of grain on the Sabbath. Jesus defends the disciples by appealing to the example of David and his men, who ate the sacred bread permitted only to priests, and to the priests

¹ Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), com tese sobre Apocalipse 13, e em Ciências da Comunicação (Universidade de São Paulo). Também realizou pós-doutorado na Universidade Andrews, onde escreveu um livro sobre o Armagedom. É professor de Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Email: vanderlei.dorneles@unasp.edu.br



who guiltlessly worked on the Sabbaths. Generally, interpreters consider that Jesus is rescuing the Sabbath from the heavy burden of Jewish tradition, giving back its true meaning and purpose. The context would be that of Jewish casuistry, and Jesus would be saying that his yoke is light compared to the hard Sabbath rules maintained by the Pharisees. In this perspective, some say human needs precede the law. However, instead of that, in Matthew, Jesus says that “Man shall not live by bread alone,” but by “every word” of God (Matt 3:4). For him, human needs do not precede God’s word. The Torah forbade the Israelites even from going to the field to gather food on the Sabbath (Exod 16:27-30). Furthermore, David and his men, as well as Jesus’ disciples, were hungry, but the priests were not. What the three groups have in common is not the hunger, but that they are all engaged in a work commissioned by God which seems to be the only activity that precedes Sabbath law. This article employs an exegetical methodology and compares the three groups on the aspect of their work in relation to divine laws, and not by physical needs. The premise is that Matthew 12 does not deal with the correct way to keep the Sabbath, but rather with what is lawful on the Sabbaths for those commissioned by God.

Keywords: sabbath; commission; workers; gospel.

“ES LÍCITO HACER EL BIEN”: MATEO 12 Y LAS ACTIVIDADES DE MISIÓN EN EL SÁBADO

Resumen: En Mateo 12:1-8, los fariseos atacan a Jesús y a sus discípulos por arrancar espigas en el día de reposo. Jesús defiende a los discípulos apelando al ejemplo de David y sus hombres, quienes comieron el pan sagrado reservado únicamente para los sacerdotes, y al de los sacerdotes que trabajaban en los días de reposo sin incurrir en culpa. Por lo general, los intérpretes consideran que Jesús libera al día de reposo de la pesada carga de la tradición judía, devolviéndole su verdadero significado y propósito. El contexto sería el de la casuística judía, y Jesús estaría afirmando que su yugo es ligero en comparación con las pesadas normas sobre el día de reposo que sostenían los fariseos. Desde esta perspectiva, algunos sostienen que las necesidades humanas prevalecen sobre la ley. Sin embargo, en el Evangelio de Mateo, Jesús afirma que «no solo de pan vivirá el hombre», sino de «toda palabra» de Dios (Mt 3:4). Para él, las necesidades humanas no tienen prioridad sobre la palabra de Dios. La Torá prohibía a los israelitas incluso salir al campo a recoger alimentos en el día de reposo (Éx 16:27-30). Además, mientras que David y sus hombres — así como los discípulos de Jesús — sentían hambre, los sacerdotes no. Lo que estos tres grupos tienen en común no es el hambre, sino el hecho de que todos ellos realizan una labor encomendada por Dios; esta parece ser la única actividad que prevalece sobre la ley del día de reposo. Este artículo emplea una metodología exegética y compara a los tres grupos centrándose en la naturaleza de su trabajo en relación con las leyes divinas, y no en sus necesidades físicas. La premisa es que Mateo 12 no aborda la manera correcta de guardar el día de reposo, sino más bien lo que es lícito hacer en dicho día por aquellos que han sido comisionados por Dios.

Palabras chave: sabbat; comisão; obreros; evangelio.



INTRODUÇÃO

Mateus 12:1 relata que os discípulos estavam “com fome” em um sábado e “entraram a colher espigas e a comer”. Esse evento, provavelmente, seja o mais debatido no que diz respeito à observância do sábado envolvendo Jesus e os fariseus (ver também Mr 2:23-27; Lc 13:14; Jo 5:18; 9:14; 9:16). De fato, ao colher as espigas e debulhá-las, os discípulos estavam realizando de fato um trabalho para satisfazer sua necessidade de alimento. A acusação dos fariseus é que eles estavam fazendo “o que não é lícito fazer em dia de sábado” (v. 2), independentemente de a quem pertencesse o campo (Specht, 1982, p. 95-97).² No entanto, Jesus os considera “inocentes” (v. 8). Ele faz alusão a Davi e seus homens, que comeram os pães da proposição reservados somente aos sacerdotes, bem como aos sacerdotes do templo que trabalhavam normalmente aos sábados; em ambos os casos, não houve acusação de transgressão.

Geralmente, a compreensão dessa passagem parte do contexto da tradição rabínica, considerando-se que o “jugo” de Jesus é “mais leve” (Mt 11:30) do que o dos rabinos, especialmente no que diz respeito à observância do sábado. David Turner e Darrell L. Bock (2005, p. 169) afirmam que “Jesus prometeu aos seus discípulos descanso, um jugo suave e um fardo leve (11:29-30)”, e que suas ações naquele sábado (Mt 12:1-8) constituem “um exemplo claro de como sua promessa se cumpre”. Willy Rordorf (1968, p. 63) vai além, afirmando que “é um equívoco sustentar que Jesus não atacou o mandamento do sábado em si, mas apenas as minúcias casuísticas dos fariseus”. Em sua visão, “o sábado havia falhado em seus propósitos divinos e, conseqüentemente, a rebelião contra ele ou o seu abandono já não constituíam pecado. O mandamento do sábado escravizara os seres humanos”. Em termos práticos, a maioria dos cristãos encara o mandamento do sábado sob essa perspectiva.

Ao considerar o jugo de Jesus mais leve que o dos fariseus, a fome passa a ser vista como o ponto central da discussão. A conclusão seria a de que as necessidades humanas precedem a lei do sábado. Nesse caso, Jesus estaria indicando que é lícito trabalhar aos sábados para suprir necessidades físicas. Contudo, essa conclusão não se ajusta à totalidade da passagem. Em sua argumentação, Jesus menciona os sacerdotes que trabalhavam aos sábados, mas não por estarem com fome. Os sacerdotes não tinham nenhuma necessidade física, ao contrário dos discípulos ou de Davi e seus homens. O

² A lei permitia colher espigas no campo de outra pessoa; ver Deuteronômio 23:25.



intérprete deve, então, perguntar o que há em comum entre os três grupos envolvidos na narrativa para que a argumentação de Jesus faça sentido.

O significado da afirmação de Jesus sobre o que é lícito fazer aos sábados depende do contexto mais amplo da missão de Jesus no Evangelho de Mateus. Esse evangelho começa colocando a palavra de Deus acima das necessidades humanas. Após jejuar 40 dias no deserto, Jesus sentia muita fome, mas disse a Satanás: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). Com isso, ele coloca a palavra de Deus acima das necessidades humanas. Além disso, Jesus e os discípulos estavam em missão para pregar o evangelho e curar as pessoas. Ao enviá-los, ele disse que não deveriam levar “ouro, nem prata” nem “pão” (ver Mt 10:1, 8-9; Mc 6:8; Lc 9:3), pois o trabalhador é digno do seu “alimento” (Mt 10:10). Esse contexto imediato parece crucial na compreensão da questão abordada em Mateus 12.

Este artigo analisa a passagem em seu contexto mais amplo para discutir o significado da declaração de Jesus sobre o sábado e o santuário. A metodologia empregada é exegética. Primeiramente, revisa-se a compreensão geral da passagem para questionar a hipótese de um pano de fundo rabínico para Mateus 12. Em seguida, a partir do contexto literário da discussão sobre o sábado em Mateus 12, considera-se que o ponto central do evento não são as necessidades humanas em termos de alimento, mas sim uma obra ordenada por Deus — aspecto comum aos três grupos envolvidos: Davi e seus homens, os sacerdotes no santuário e os discípulos em missão. A tese aqui defendida é a de que Jesus não está tratando da tradição rabínica sobre a observância do sábado, nem do ato de colher espigas para saciar a fome no sábado por parte das pessoas em geral, mas sim das necessidades daqueles que realizam uma obra divinamente ordenada, à luz de Mateus 10:10, onde os discípulos são enviados ao campo missionário sem qualquer provisão de alimento.

A TRADIÇÃO RABÍNICA E A PRECEDÊNCIA DA FOME SOBRE A LEI

A maioria dos comentaristas pressupõe que Mateus 12 foi escrito tendo como pano de fundo a tradição rabínica sobre a observância do sábado. Sob essa ótica, o “jugo” de Jesus é “mais leve” do que o dos fariseus, pois os rabinos colocavam os preceitos relativos ao sábado acima das necessidades humanas. Nesse contexto, as pessoas da época de Jesus



carregavam um fardo muito pesado, com “tantas exigências rabínicas que uma vida inteira, geralmente, era curta demais para aprendê-las todas” (Nichol, 1980, p. 389).

Nessa linha de raciocínio, Ekkehardt Mueller (2023a, p. 43) argumenta que a questão central em Mateus 12 é o verdadeiro significado do sábado como bênção divina, em contraste com a tradição rabínica, que o havia transformado em um jugo pesado. Segundo ele, “Jesus traz verdadeiro descanso àqueles que estão sobrecarregados pela compreensão legalista do sábado”. Ele defende que, nessa narrativa, “a acusação não se baseia na Lei escrita”, mas “na hermenêutica dos escribas sobre o sábado” (Mueller, 2023a, p. 47). A crítica dos fariseus à atitude dos discípulos baseava-se na interpretação deles próprios sobre a observância do sábado — “uma regra rabínica”, “um acréscimo humano à Lei” e, portanto, uma “tradição” (Mueller, 2023a, p. 48).

Na abordagem de Mueller, Jesus menciona Davi sob uma perspectiva negativa, no sentido de que o rei israelita realmente transgrediu a lei divina ao mentir e comer os pães da proposição. Assim, “os pontos de conexão entre a ação dos discípulos e a estratégia de Davi são a fome (Mt 12:1, 3) e o ato de comer (Mt 12:1, 3 [duas vezes])”. No entanto, Mueller argumenta que, apesar dessas semelhanças, “as situações são bem diferentes”. No caso de Davi, “o problema foi a transgressão de uma lei divina”, enquanto no caso dos discípulos “o problema foi a violação de uma tradição rabínica” (Mueller, 2023a, p. 49).³ Assim, ele conclui que “o conflito entre os fariseus e Jesus não diz respeito diretamente ao quarto mandamento do Decálogo, mas sim a interpretações e tradições rabínicas”. E, nesse aspecto, segundo ele, “Mateus 12 não difere muito de Mateus 15, onde a tradição da lavagem das mãos é confrontada por Jesus com o quinto mandamento” (Mueller, 2023a, p. 85; ver Mueller, 2023b, p. 102).

Clinton Wahlen (2020) compartilha dessa mesma visão. Segundo ele, a questão em Mateus 12:1-14 gira em torno da maneira como os fariseus observavam o sábado com base na tradição rabínica. Ele afirma que os fariseus estavam “especialmente preocupados com a observância correta da lei”, conforme se depreende das tradições rabínicas. No entanto, Wahlen (2020) argumenta que, ao mencionar a fome de Davi e de seus homens,

³ No evento de Davi, Michael Green (2001, p. 146) entende que a Escritura está apontando que “a necessidade humana teve precedência sobre o costume ritual”. Leon Morris (1992, p. 302) também pontua que a atitude de David mostra que “a necessidade de satisfazer a fome se sobrepôs a uma provisão litúrgica”. Segundo ele, o argumento de Jesus é que “se a fome desses homens deixou de lado um regulamento divino sem culpa, quanto mais deveria a fome dos discípulos de Jesus deixar de lado uma regra rabínica!”



Jesus considera que “comer para sustentar a vida não viola a santidade do sábado, assim como o fato de Davi e seus homens comerem os pães da proposição não comprometeu a santidade do templo (ver 1 Sm 21:1-6)”, contrariando a perspectiva de Mueller. Em sua argumentação, Wahlen (2020) defende que, “embora a colheita fosse proibida no sábado” (ver Êx 34:21; 31:15; 35:2), Jesus considera a ação dos discípulos como algo que “não constituía colheita” — não sendo, portanto, um “trabalho” propriamente dito — e que, por isso, não representava uma violação do sábado. Assim, os discípulos eram “inocentes” (Mt 12:7), e “os fariseus deveriam saber disso”. Além disso, Wahlen (2020) ressalta que o “sustento físico” é necessário e não entra em “conflito com a obrigação sacerdotal de preservar a santidade do templo, como reconheceu Aimeleque, o sumo sacerdote”, no caso de Davi.

De modo semelhante, William Hendriksen (2007, p. 504) explica que, na literatura judaica, um “jugo” é “o conjunto de obrigações que, segundo o ensino dos rabinos, uma pessoa deve assumir para si mesma”. Ademais, tais obrigações eram uma condição para a salvação, configurando pleno “legalismo”. Assim, ele compreende que a acusação dos fariseus diz respeito à violação das regras rabínicas; os rabinos “haviam elaborado um catálogo de trinta e nove trabalhos principais, subdivididos em muitas categorias menores, de modo que, por exemplo, arrancar espigas era considerado ceifar, e esfregar os grãos, trilhar” (Hendriksen, 2007, p. 511).⁴ Sob essa ótica, ao explicar o mandamento de Deus em resposta aos fariseus, Jesus revela o “verdadeiro significado” do sábado (Mt 12,1-8). Assim, Hendriksen (2007, p. 513) propõe que, a partir de Mateus 12, “a necessidade não conhece lei (v. 3, 4)” e “toda regra tem sua exceção (v. 5, 6)”.

Donald A. Carson (1984, p. 279-280) vê o episódio de Mateus 12:1-8 sob uma perspectiva semelhante. Ele afirma que a acusação dos fariseus era a de que os discípulos estavam violando a lei ao “ceifar”, o que constituía “um dos trinta e nove tipos de trabalho proibidos no sábado”. Nesse sentido, Stuart K. Weber (2000, p. 168) critica a “enorme carga de expectativas religiosas e legalismos” imposta ao povo por “seus falsos líderes

⁴ As 39 categorias de atividades proibidas pelos rabinos eram: (a) Agricultura e preparação de pão: semear; arar; ceifar ou colher; atar feixes ou reunir; debulhar; joeirar; selecionar; moer; peneirar; amassar; assar ou cozinhar; (b) Produção têxtil: tosquiar lã; lavar ou limpar lã; bater ou pentear lã; tingir; fiar; urdir ou esticar fios; fazer duas laçadas; tecer dois fios; separar fios; atar; desatar; dar dois pontos de costura; rasgar para costurar; (c) Preparação de couro e escrita: capturar; abater; esfolar ou retirar a pele; salgar ou curar a pele; raspar ou alisar a pele; cortar no formato desejado; escrever duas letras; apagar para escrever; (d) Construção e fogo: construir; demolir; extinguir fogo; acender fogo; desferir a martelada final ou finalizar; (e) Transporte: transportar de um domínio para outro (ver Bin-Nun, 2013).



religiosos”. Ele acrescenta que os fariseus observam os discípulos de Jesus “esfregando as espigas entre as palmas das mãos para separar os grãos das cascas”, ato que, “segundo as regras deles”, configurava trabalho (Weber, 2000, p. 170). Nesse contexto, Weber (2000, p. 171) afirma que “Jesus frequentemente destacava a negligência farisaica em relação às Escrituras em contraste com sua adesão à tradição”. Turner e Bock (2005, p. 168) também entendem que a motivação dos fariseus para contestar a atitude dos discípulos residia no fato de que ela contrariava “suas tradições orais”. W. D. Davies e Dale C. Allison (1991, p. 310) compartilham dessa visão: “Jesus estava simplesmente lembrando aos fariseus que um bem maior (a necessidade humana) tem precedência sobre um bem menor (a lei cerimonial)”. Seguindo essa mesma linha, Yong-Eui Yang (1997, p. 145) ressalta que, nos Evangelhos sinóticos, as controvérsias sobre o sábado são precedidas pela declaração de Jesus a respeito dos “odres novos” (ver Mt 9:16-17; Mc 2:21-22; Lc 5:36-39). Segundo ele, essa afirmação significa que, com a presença de Jesus, “há agora novas formas, bem como novo conteúdo” em relação ao sábado.

Nesse sentido, Walter F. Specht (1982, p. 94) recorda que os quatro Evangelhos atestam que o sábado foi “uma das principais áreas de conflito entre Jesus e os judeus”. Ele também analisa o episódio do sábado relatado em Mateus 12 sob a ótica da tradição rabínica, na qual Jesus estaria regulamentando a maneira correta de guardar o sábado. Segundo o autor, os fariseus insistiam que o sábado deveria ser observado de acordo com as “regras orais que os rabinos haviam desenvolvido ao longo dos anos”, as quais consideravam que “ceifar, debulhar, joeirar e moer” constituíam transgressões do sábado (Specht, 1982, p. 95). No entanto, Jesus recusou-se a seguir as “regras rabínicas de origem humana para a observância do sábado”, pois elas haviam transformado o sábado em um “fardo, em vez de uma bênção”. Em sua visão, o episódio de Mateus 12:1-8 integra o esforço de Jesus para “libertar o sábado de restrições onerosas e torná-lo um dia de liberdade espiritual e alegria” (Specht, 1982, p. 94). Por fim, com base em Mateus 12:9-14, Specht afirma que demonstrar misericórdia é “muito mais importante do que uma obediência legalista à lei” (Specht, 1982, p. 96). Assim, ele considera o ato de colher espigas e o de curar um homem como ações da mesma natureza: uma manifestação de misericórdia.

Sob essa perspectiva predominante, o chamado em Mateus 11:28-30, dirigido a todos os que estão “cansados e sobrecarregados”, prepara o caminho para os eventos



narrados em Mateus 12. Os escribas e fariseus haviam colocado sobre os ombros do povo um “pesado fardo de regras e regulamentos”. Assim, em Mateus 11, Jesus chama a si “toda pessoa que, por qualquer motivo, tente, total ou parcialmente, alcançar a salvação por meio de seu próprio esforço” (Hendriksen, 2007, p. 503). Como parte de seu jugo suave, Jesus considera os discípulos inocentes por colherem espigas para satisfazer sua necessidade física no sábado.

Portanto, a visão predominante é a de que Mateus 12:1-8 trata do debate entre Jesus e os fariseus a respeito das exigências rabínicas sobre a observância do sábado. Nessa perspectiva, as necessidades humanas deveriam prevalecer sobre a lei do sábado. No entanto, essa visão não faz sentido, visto que Jesus rebate os fariseus mencionando o serviço dos sacerdotes no templo durante o sábado. No caso dos sacerdotes, não há necessidade humana ou fome, nem qualquer relação com as regras rabínicas que justifique a argumentação de Jesus. Por que Jesus mencionaria os sacerdotes juntamente com Davi e seus homens e os discípulos? Além disso, a disposição da lei civil que permitia colher frutos na plantação do próximo (cf. Dt 23:25), não diz respeito ao sábado.

Além disso, interpretar Mateus 12:1-8 à luz do contexto rabínico — concluindo que colher espigas no sábado para saciar a fome não viola a lei divina — coloca Jesus em direta contradição com a Torá. Na narrativa de Êxodo 16, Deus disse a Moisés que enviaria “pão” do céu durante toda a semana, exceto no sábado, e que testaria o povo “se anda na minha lei [hebraico: *torah*] ou não” (Êx 16:4).⁵ No entanto, algumas pessoas não deram ouvidos à palavra de Deus e saíram ao campo para buscar o maná no sábado (Êx 16:27). Elas não encontraram nada no campo e, portanto, não recolheram alimento algum naquele dia. Contudo, essa atitude foi considerada por Deus como uma verdadeira transgressão da lei: “Até quando recusareis a guardar os meus mandamentos [*mitsvotay*] e as minhas leis [*torotay*]?” (Êx 16:28).

Ao discutir a tradição rabínica, Mueller (2023a, p. 54) afirma que “um dos problemas do argumento de que a necessidade humana se sobrepõe à lei divina é que ele pode conduzir a uma ética situacional e ser utilizado em praticamente todas as circunstâncias, não apenas em situações de risco de vida, mas também em casos de mero inconveniente”. Também nesse contexto de Mateus 12, Robert K. McIver (1995, p. 237)

⁵ Observa-se que a redação de Êxodo 16:26 é muito semelhante à do quarto mandamento: “Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele, não haverá” (ver Êx 20:9-10).



declara que “qualquer necessidade humana justifica a violação das leis divinas”.⁶ De fato, se as necessidades humanas precedem a lei, não faz sentido que Jesus se recusasse a transformar pedras em pão — uma vez que estava em jejum havia 40 dias — ao afirmar que “não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:1-4).

Assim, parece necessária uma leitura mais abrangente de Mateus 12:1-8. Essa leitura deve levar em conta o amplo contexto da missão de Jesus em Mateus e as instruções dadas por Ele aos seus discípulos.

A ATIVIDADE DOS DISCÍPULOS DISCUTIDA EM MATEUS 12

A questão de saber se os discípulos estavam violando as normas rabínicas ou a própria Lei de Deus parece ser central nesta discussão. Se Jesus está debatendo com os fariseus sobre a tradição dos rabinos, por que ele não a menciona, como faz em Mateus 15? De fato, se o debate versa sobre a aplicação da lei do sábado, toda a narrativa requer uma discussão exegética e teológica mais aprofundada.

Na realidade, o texto não diz que os fariseus acusam os discípulos de violar a “tradição” — como o fazem em relação à lavagem das mãos e à pureza ritual (ver Mt 15:1-20; Mc 7:1-23) —, mas sim de transgredir a Lei de Deus. Eles afirmam, de fato, que a atividade dos discípulos era “ilícita” (grego: *ouk éxestin*, “não permitido”; ver Mt 12:2; Mc 2:24).⁷ Por sua vez, Jesus não afirma que os discípulos não estavam transgredindo a lei. Além disso, observa-se que o verbo grego *tíllō* (Mt 12:1, “arrancar”) indica, na LXX, uma atividade que exige força física (ver Ed 9:3, “arrancar”; Dn 7:4). Eles estavam, de fato, realizando um trabalho.

F. P. Viljoen (2014, p. 227) destaca que, em sua acusação, os fariseus “referem-se explicitamente à lei: ‘os teus discípulos estão fazendo o que não é lícito no sábado’ (Mt

⁶ Além disso, Morris (1992, p. 299) afirma também que os judeus levavam muito a sério a observância do sábado. “Quando o inimigo atacava no sábado, nos dias dos macabeus, eles se deixavam massacrar — homens, mulheres e crianças — em vez de violar o sábado para se defenderem (1 Macabeus 2:31-38)”. Ele acrescenta que eles estavam “prontos para sofrer em vez de violar o sábado”. Mueller (2023a, p. 47-48) acrescenta que, “no primeiro século d.C., dois grupos principais tinham suas tradições sobre a guarda do sábado: o grupo do Mar Morto e os rabinos. A comunidade do Mar Morto era muito mais rigorosa do que os rabinos e, conseqüentemente, do que os fariseus. Por exemplo, salvar uma vida humana no sábado não era permitido pelo primeiro grupo, ao passo que os rabinos o permitiam”.

⁷ Mateus utiliza essa expressão quatro vezes no capítulo 12 (v. 2, 4, 10, 12) e outras cinco vezes no livro (14:4; 19:3; 20:15; 22:17; 27:6); acompanhada da negativa *ouk* ela indica uma ação que é impedida por um tribunal ou pela lei; sem a negativa, indica algo permitido, lícito ou que pode ser realizado (ver Friberg; Friberg; Miller, 2005; Gingrich, 1983).



12:2)”. Jesus, por sua vez, não contesta a ação dos discípulos, mas desafia os fariseus quanto à avaliação da conduta deles sob uma perspectiva bíblica. Em seguida, ele menciona dois casos de transgressão evidente, porém isenta de culpa (Mt 12:5).

Para justificar o que está ocorrendo, Jesus menciona que os sacerdotes, de fato, “profanam” (*bebēlousin*) o sábado e permanecem “sem culpa” (v. 5; ver Nm 28:9-10; Jo 7:22, 23).⁸ A afirmação de Jesus de que os sacerdotes “profanam” o dia sagrado deve-se ao fato de que eles tinham mais trabalho a realizar aos sábados, e não menos. De fato, eles precisavam circuncidar os bebês no oitavo dia, independentemente de em que dia da semana isso caísse (Lv 12:3; ver Jo 7:22). “Assim, os sacerdotes tratam o sábado da mesma forma que os outros dias para fins de circuncisão, e ele é tratado como ainda mais importante para fins de adoração e oferecimento de sacrifícios” (Wahlen, 2020). Portanto, a resposta de Jesus não se concentra na tradição, mas nas Escrituras. Ao comparar os discípulos, que colhiam espigas, com os sacerdotes que trabalhavam no sábado, Jesus pressupõe que ambos os grupos violam a lei, mas são inocentes (Mt 12:5, 7).

Quanto à tradição dos rabinos, em Mateus 23:1-4, Jesus diz que tudo o que os fariseus e escribas mandam observar, as pessoas devem “observar e fazer”, mas não devem agir segundo “as obras deles”. O ponto central de Jesus é que “eles dizem, mas não fazem”. Ele explica que “atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os

⁸ Mueller (2023a, p. 61-62) argumenta que o verbo “profanar” (*bebēlō*), utilizado por Jesus, é uma “expressão forte” para descrever diversos tipos de transgressão e profanação. No Antigo Testamento, isso aponta para: (1) profanação do nome de Deus por meio de sacrifícios de crianças, negligência com os sacrifícios do templo, falso juramento, pecados sexuais, injustiça, etc. (Lv 18:21; 19:12; 21:6; 22:2, 32; Is 48:11; Jr 41:16; Ez 13:19; 20:9; 20:14, 22, 39, 44; 36:20-23; 39:7; 43:7-8; Am 2:7; Ml 1:12); (2) profanação do santuário por meio de pecados do sacerdócio, sacrifícios de crianças, várias abominações e desolação, entre outros (Lv 21:12, 23; Sl 73:7 [LXX]; 88:40 [LXX]; Ez 23:38-39; 24:21; 25:3; 44:7; Sf 3:4; Ml 2:11); (3) profanação de sacrifícios (Lv 22:15; Nm 18:32); (4) profanação da aliança (Sl 54:21 [LXX]; 88:32 [LXX]; Ml 2:10); (5) profanação dos estatutos/mandamentos de Deus (Sl 88:32 [LXX]); (6) profanação da terra de Deus (Jr 16:18); (7) profanação dos caminhos de Deus (Sl 9:26 [LXX]; ver também os versículos 25, 27-28); (8) profanação de uma pessoa (Lv 19:29; 21:7, 9, 14-15; 22:8; Nm 25:1 [LXX]); (9) profanação da própria palavra (quebra de um juramento (Nm 30:2); e (10) Deus profana reinos e governantes (Lm 2:2). Além disso, outras passagens bíblicas abordam “a profanação ou a não profanação do sábado: (1) A profanação ocorre se o sábado não for guardado e se for realizado trabalho (Êx 31:14). (2) Neemias menciona o trabalho agrícola, bem como a compra e venda de produtos no sábado, como profanação do sábado (Ne 13:15-18). (3) Ezequiel fala sobre a profanação do sábado no contexto de rebelião, rejeição da lei de Deus, idolatria e vários vícios (Ez 20:13, 16, 21, 24; 22:8). E (4) a profanação do sábado e do santuário aparecem juntas em Ezequiel 23:38”. Ademais, embora o AT afirme que “no sábado não se deve realizar trabalho (Êx 20:9-10; Dt 5:13-14)”, ele também estabelece que os sacerdotes têm certas responsabilidades, como, por exemplo, dispor os pães da proposição no sábado (Lv 24:5-9), oferecer sacrifícios sabáticos (Nm 28:9-10), oferecer ocasionalmente outros sacrifícios (p. ex., para festas judaicas) e realizar a circuncisão (Lv 12:3; ver João 7:23)”.



ombros dos homens; eles mesmos, porém, não querem movê-los nem com um dedo”. Esse parece ser o principal problema que ele tem com eles, o qual está relacionado à hipocrisia.

Turner e Bock (2005, p. 168) afirmam que “os sacerdotes eram inocentes, visto que recebiam instruções para realizar [seu] trabalho no sábado, evidentemente porque essa obrigação se sobrepunha à lei comum do sábado (Lv 24:8; Nm 28:9-10; ver Jo 7:23)”. Para eles, “o ‘trabalho’ do Templo tinha precedência sobre o ‘descanso’ do sábado”. Michael Green (2001, p. 146) também entende que os sacerdotes violavam “as regras do sábado” porque “a adoração a Deus no templo tinha precedência sobre as regulamentações relativas ao dia”.

Assim, a questão em discussão em Mateus 12:1-14 parece não ser as tradições dos rabinos sobre a observância do sábado, mas sim o que pode justificar a “violação” do sábado pelos sacerdotes e pelos discípulos, bem como o fato de Davi e seus homens terem comido os pães da proposição. Portanto, a pergunta crucial para o texto é: qual é o ponto em comum entre todas as pessoas mencionadas em Mateus 12? Jesus estabelece um paralelo entre as atitudes de Davi e seus homens, dos sacerdotes e dos discípulos em relação às leis de Deus. Deve-se observar, primeiramente, o contexto literário de Mateus 12 ao buscar as ideias principais do autor.

O CONTEXTO LITERÁRIO DE MATEUS 12: OVELHAS SEM PASTOR

A maneira como Mateus estrutura os eventos dos capítulos 8 a 12 é fundamental para compreender o significado que ele pretende transmitir. Desde o capítulo 8, ele relata o ministério de Jesus e dos discípulos em favor de pessoas aflitas e enfermas. Nesse contexto de Mateus, Jesus e os discípulos dedicam-se a um trabalho árduo para libertar as pessoas dos pesados fardos da doença, do pecado e dos demônios.

Mateus 12:1 inicia as duas narrativas sobre o sábado (os discípulos colhendo espigas e Jesus curando o homem com a mão atrofiada) com a expressão “Por aquele tempo”. Carson (1984, p. 279) entende que “Por aquele tempo” não se refere ao “mesmo dia dos eventos do capítulo 11”, mas que os acontecimentos de Mateus 12 ocorreram “por volta daquela época”. Weber (2000, p. 170) argumenta que a frase “Por aquele tempo” visa conectar o capítulo 12 ao que o precede. Em 11:25, Mateus também estabelece uma ligação entre a situação corrente e o contexto anterior por meio da expressão “Por aquele



tempo”. Isso exige considerar os eventos ocorridos no sábado como parte de toda a perícopes sobre o ministério de cura de Jesus, iniciado em Mateus 8.

Jesus realiza muitos milagres de cura, demonstrando o poder do Reino dos Céus, conforme relatado em Mateus 8 e 9. No entanto, ele faz uma espécie de avaliação da tarefa. Mateus 9:35 diz que “percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades”. Então, ele vê as multidões e sente “compaixão delas”, pois “estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36). Nesse momento, ele percebe a necessidade de mais trabalhadores. Jesus diz, então, aos discípulos: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9:37). Então, o capítulo 10 começa com Jesus concedendo “autoridade” (*exousíā*, “poder”; ver Mt 28:18) aos discípulos e enviando-os para evangelizar o povo. Weber (2000, p. 139-140) afirma que “esta é a mesma autoridade que Jesus demonstrou por meio de seu ensino nos capítulos 5 a 7 e de seus milagres nos capítulos 8 e 9”. A autoridade divina capacita os discípulos a curar “toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 10:1). Em Mt 10:8, Jesus os ordena: “curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios”. Ao partirem, Jesus instrui que não levem “ouro, nem prata, nem cobre”, nem “pão” (Mc 6:8; Lc 9:3), “porque digno é o trabalhador do seu alimento” (Mt 10:9, 10; ver 1 Tm 5:18) — um ponto-chave em todo esse contexto do Evangelho de Mateus (Nichol, 1980, p. 376). Finalmente, Jesus diz que aquele que os recebe, a ele recebe (Mt 10:40). Ao fazer isso, o mestre indica que a obra dos discípulos é da mesma natureza da obra dele. Assim, os discípulos deveriam dedicar-se ao ministério junto aos filhos de Israel sem nada nas mãos. É dessa forma que eles são retratados em Mateus 12:1-8, sem portar “pão”.

À medida que Jesus exerce seu ministério em favor das multidões, ensinando-as e curando-as, o povo logo percebe sua autoridade divina, diferentemente daquela dos escribas (Mt 7:28-29). O confronto entre Jesus e os fariseus também ocorre muito cedo. Jesus afirma que a justiça dos discípulos precisa superar a dos fariseus, sugerindo a hipocrisia destes (Mt 5:20; ver 3:7). Ao observarem a autoridade e a popularidade de Jesus, os fariseus tentam convencer o povo de que ele é um pecador por comer com pecadores (Mt 9:11) e de que expulsa demônios pelo poder de “Belzebu, o príncipe dos demônios” (Mt 9:34; 12:24). À medida que a popularidade de Jesus cresce, eles planejam



matá-lo (Mt 12:14). Portanto, Mateus enfatiza o conflito entre o ministério de Jesus e os fariseus. Os fariseus e escribas não reconhecem o ministério de Jesus e de seus discípulos.

A avaliação de Jesus de que as multidões eram como “ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36) é muito significativa no contexto de seu ministério de cura, de seu confronto com os fariseus e de sua posterior comparação com o santuário (Mt 12:6). O povo carecia de pastoreio espiritual e estava exposto a sofrimentos físicos e espirituais. Os pastores têm o papel de alimentar, curar, guiar e proteger as ovelhas. No entanto, assim como no passado (ver Ez 34:1-10), os líderes religiosos judeus “atrormentavam e abandonavam suas ovelhas, deixando-as ‘abatidas e desamparadas, como ovelhas sem pastor’” (Weber, 2000, p. 130). Em Mateus 9:36, a expressão “aflitas” (do verbo grego *skýllō*) significa “fatigadas, molestadas”; e “exaustas” (do verbo *rhíptō*) significa “abandonas, lançadas ao chão”. As multidões “estavam completa e perpetuamente desanimadas” (Weber, 2000, p. 130).

Assim, as multidões de Israel foram deixadas à mercê do sofrimento, das doenças e do poder das trevas. Antes de sua morte, Moisés pediu a Deus que designasse “um homem sobre esta congregação”, que “saísse e entrasse diante deles”, para que “a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor” (Nm 27:16, 17). Josué foi uma espécie de protótipo desse “profeta”. Mas Jesus finalmente veio como esse Mestre para cuidar das ovelhas — a congregação do Senhor. Ele encontrou as ovelhas dispersas e perdidas (ver também 2Rs 22:17; Ez 34:5; Jr 50:6; Is 53:6), embora estivessem cercadas por muitos sacerdotes, escribas e mestres da lei.

Sob essa perspectiva, o pesado “fardo” e o “jugo” (ver Mt 11:28-30) — que preparam o leitor para compreender os eventos ocorridos no sábado, no contexto de Mateus 9 a 12 — parecem apontar para a condição penosa de enfermidade, doença e o poder das trevas, e não exatamente para as exigências rabínicas da lei. As ovelhas estão “exaustas” e “expostas a feras vorazes” quando chega o Profeta solicitado por Moisés (Hendriksen, 2007, p. 440). Os escribas e fariseus não estavam cumprindo o papel que lhes fora divinamente designado. Mesmo assim, eles não reconhecem o ministério eficaz de Jesus e de seus discípulos em benefício do povo sobrecarregado. Consequentemente, não estão dispostos a permitir que eles ajam como os sacerdotes agem em relação à lei.



O JUGO MELHOR DE JESUS

O episódio em que as espigas são colhidas no sábado é precedido pelo convite de Jesus a todos os “cansados e sobrecarregados” para que venham a Ele e encontrem “descanso”. A palavra “descanso” (Mt 11:28) é utilizada pela LXX em referência ao “descanso” do sábado (Nichol, 1980, p. 389).⁹ Esse descanso não é um jugo, mas uma bênção, como se pode ver no Antigo Testamento (cf. Is 58; Ez 12). Jesus afirma que o seu “jugo” é “suave” e o seu “fardo” é “leve” (Mt 11:28-30). A compreensão habitual do termo “jugo” nesse contexto também está ligada à lei rabínica. Nessa perspectiva, o episódio ocorrido no sábado ilustra o jugo de Jesus como sendo “suave”, em contraste com o dos rabinos, que é tido como “pesado”. Assim, permitir a atividade de colher espigas no sábado para saciar a fome exemplificaria como o “jugo” de Jesus é “leve”.

Weber (2000, p. 169) ressalta que o tempo verbal do particípio na frase “que estais cansados e sobrecarregados” (*kopiōntes kai pephortisménoi*; Mt 11:28) transmite a ideia de “cansaço e exaustão contínuos, sem um minuto de alívio”. Além disso, o tempo perfeito no segundo verbo implica que “as pessoas foram totalmente sobrecarregadas em algum momento do passado, e o peso permanece perpetuamente sobre elas”. Segundo a visão de Weber, o legalismo dos fariseus “em torno da Lei Mosaica havia reduzido essas pessoas a pó espiritual”. Nesse caso, a essas pessoas sobrecarregadas, Jesus oferece “descanso”, em contraste com o “fardo das regras sabáticas dos fariseus (Mt 12:1-14)” (Weber, 2000, p. 170).

No entanto, segundo Celia Deutsch (1987, p. 46), não há nada em Mateus 11:2-13:58 que sugira que “o jugo de Jesus será suave ou o seu fardo, leve”. Ela questiona: como um fardo pode ser leve ao “tomar a sua cruz” (Mt 10:38) ou ao “ser odiado por todos” (Mt 10:21-22)? Matthew W. Mitchell (2016, p. 325) aponta que Jesus “não proporciona qualquer alívio, mas sim uma intensificação da exigência de Deus”. Ele considera que Jesus exige “elevados padrões éticos” no Sermão do Monte (Mt 5-7), inclusive “exigências adicionais além daquelas requeridas pela Torá”. Ele questiona: “Se o jugo é suave e o fardo

⁹ Ao utilizar a palavra “descanso” (Mt 11:28), Jesus cita Jeremias 6:16. Mueller (2023a, p. 42) destaca que o verbo *anapaúō* (“descansar”, Mt 11:28) e o substantivo *anápausis* (“descanso”, v. 29) muito provavelmente se referem ao sábado. Ele recorda que foi o sábado que, primeiramente, foi associado ao “descanso” em Gênesis 2:2-3; Êxodo 20:11; 31:17; 34:21 e, posteriormente, em Hebreus 4:4, 10, texto que utiliza o termo correlato *katapaúō*. Contudo, o descanso sabático também é descrito no Antigo Testamento por meio do substantivo *anápausis* (Êx 16:23; 23:12; 31:15; 35:2) e do verbo *anaphúxō* (Êx 23:12; Dt 5:14) — os mesmos termos empregados em Mateus 11:28-29. Ele sustenta ser evidente que, em Êxodo e Levítico, *anápausis* “significa exclusivamente descanso sabático”.



é leve, por que ele [Jesus] chamou o caminho de estreito? Como o Evangelho pode ser mais leve do que a Lei, quando na Lei o assassinato é condenado, [mas] no Evangelho, a ira?”

Nesse sentido, Leon Morris (1992, p. 299-300) entende que, em Mateus 12, a controvérsia não surgiu porque Jesus “estava tentando livrar as pessoas da enorme quantidade de regulamentos”. Em sua visão, Jesus não considerava que “os fariseus fossem rigorosos demais na observância do sábado, nem tentava aliviar um fardo pesado”. Mueller (2023a, p. 38) propõe que, em Mateus, Jesus demonstra “uma intensificação dos mandamentos”. Da mesma forma, R. Alan Culpepper (2022, p. 21) defende que “não há debate em Mateus sobre se os seguidores de Jesus devem guardar a lei”. Além disso, Benjamin J. Ribbens (2018, p. 400) considera que “é difícil concluir que Jesus identificaria a fome dos discípulos como uma justificativa válida para violar o sábado”. Em sua opinião, “se a Torá fosse violada toda vez que alguém sentisse fome, Israel teria vivido em anarquia” (Ribbens, 2018, p. 400). Ele vai além ao afirmar que, “mesmo que Jesus considerasse as ações dos discípulos como uma violação não da Torá escrita, mas apenas da Torá oral, parece improvável que ele tentasse convencer os fariseus da inocência dos discípulos apelando para a fome deles” (Ribbens, 2018, p. 400).

De fato, a interpretação de Jesus sobre a Lei, em termos gerais, é mais rigorosa do que aquilo que era ensinado aos judeus. Ele inclui sentimentos, pensamentos e desejos como transgressões, enquanto os fariseus costumavam apontar apenas as ações em si (ver Mt 5:17-48). Quanto ao divórcio, sua ética é muito mais rigorosa (ver Mt 19:3-13). Na verdade, sobre a prática da Lei, ele diz: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos Céus”. Ele está falando de uma vida de justiça no nível dos sentimentos e das motivações do coração. Carson (1984, p. 278) afirma que o contraste entre o jugo de Jesus e o de outros “não é entre antinomismo e legalismo, pois, em um sentido profundo, as exigências dele (5:21-48) são muito mais radicais do que as deles”.

Diante disso, o que Jesus quer dizer ao afirmar que o seu “jugo” é “suave”? Em que sentido ele proporciona alívio para o fardo pesado que as pessoas carregavam? Nota-se que a palavra grega *chrēstós*, traduzida como “suave”, também significa “útil”, “adequado”, “excelente”, “digno” ou “bom”, tendo como sentido básico “estar bem adaptado para



cumprir um propósito”.¹⁰ E a palavra grega *elaphrós*, traduzida como “leve”, indica “um fardo ou provação fácil de suportar”, “insignificante” ou “trivial” (ver Friberg; Friberg; Miller, 2005). Mitchell (2016, p. 339) apresenta uma análise detalhada das possíveis traduções de *chrēstós* em Mateus 11:30, com base no uso na LXX, na tradição e no contexto de Mateus. O uso de *chrēstós* na LXX geralmente significa “bom”, “íntegro” ou “bondoso”. No entanto, segundo ele, “as evidências filológicas, lexicais e semânticas indicam que o termo *chrēstós* não significa ‘fácil’”. Ele propõe que outras opções podem refletir melhor o significado do jugo de Jesus, como “benéfico”, “útil”, “bom” ou “bondoso”, mas “a escolha depende, em última análise, da questão mais ampla sobre o sentido pretendido por Mateus” (Mitchell, 2016, p. 339).¹¹ Nessa perspectiva, ele defende que o sentido de “fácil” “está fora da gama habitual de significados do termo *chrēstós*; assim, a tradução usual de Mateus 11:30 exige uma justificativa ativa, em vez de uma aceitação passiva” (Mitchell, 2016, p. 326).

Parece que Mateus 11:30 utiliza os substantivos “jugo” e “fardo” em paralelo. Dessa forma, a tradução de “o meu jugo é suave” tende a ser confirmada pela interpretação de que “o meu fardo é leve”. O verbo *phortízō* (“sobrecarregar”) em Lucas 11:46 refere-se à interpretação judaica da lei, que havia se tornado um fardo pesado (ver Mt 23:4). Em contrapartida, o *phortíon* (“fardo”) de Jesus é “leve” (Mt 11:30). Por outro lado, *zygós* (“jugo”) traduz o termo hebraico *’ole*, que significa “encargo” ou “trabalho” sob um determinado poder, como o do Egito (Lv 26:13; Jr 2:20), de reis (1 Rs 12:4; 2 Cr 10:4) e de governantes (Is 10:27; 14:25; Jr 30:8; Ez 34:27). Um possível significado seria que, em Mateus 11:30, ao falar em “meu jugo”, Cristo se refira ao seu “modo de vida”. Assim, “o

¹⁰ Ver Friberg; Friberg; Miller (2005) e Gingrich (1983). Ver também as traduções de *chrēstós* como “bom” ou “confortável”, em Mt 11:30 (NASB); “melhor”, em Lc 5:39; 6:35; Rm 2:4; 1Co 15:33; Ef 4:32; 1Pe 2:3. A palavra “suave” em Mateus 11:30, traduz o gr. *chrēstós*, “próprio para uso”, “bom”, “gentil” ou “agradável”; não é “suave” no sentido de não ser difícil. Nenhuma palavra em português é um bom equivalente para *chrēstós* (ver Nichol, 1980, p. 390).

¹¹ Segundo Mitchell (2016, p. 322-323), o “jugo” de Jesus tem sido compreendido de diversas maneiras, incluindo: “(1) o ensino de Jesus (que apresenta a compreensão mais plena da Torá); (2) o próprio Jesus (como a personificação da Torá); (3) o jugo da graça cristã (que liberta do fardo da lei judaica); (4) a interpretação singular de Jesus sobre a Torá (o jugo de Jesus não se opõe à Torá em si, mas a certas autoridades religiosas e ao uso indevido que faziam dela); (5) o jugo da Sabedoria divina (e Jesus como a Sabedoria personificada); (6) o jugo (normalmente um símbolo de trabalho ou servidão) de ‘descanso’ e leveza, especificamente o ‘descanso da redenção messiânica’ prometido pelo sábado”. Davies e Allison Jr. (1991, p. 291-292) enumeram seis opções para explicar o jugo de Jesus como algo “leve”: o amor a Deus e ao próximo; a comunhão com Jesus; a rejeição da tradição oral farisaica; a promessa de recompensa futura; o descanso escatológico; e algo que pode ser vivenciado, mas não descrito”.



‘jugo’ de Cristo não é outro senão a vontade divina, resumida na lei de Deus e engrandecida no Sermão do Monte” (Nichol, 1980, p. 389).

No entanto, como visto anteriormente, a interpretação — que contrasta com a tradição — baseia-se no contexto das exigências rabínicas, algo que não está claro no contexto de Mateus 12. Em vez disso, ao considerar o ministério frutífero de Jesus e de seus discípulos no pastoreio e na cura das multidões (Mt 8-12), em contraste com o ministério dos fariseus e sacerdotes, a compreensão de *chrēstós* como “útil”, “adequado” ou “bom” parece ser a mais apropriada. Sob essa ótica, em Mateus 11:28-30, Jesus afirma que seu ministério é “frutífero” e “útil”, em contraste com o dos sacerdotes, que haviam deixado as multidões enfermas e possuídas por demônios, como ovelhas sem pastor. Assim, nessa perspectiva, Jesus convida as pessoas sobrecarregadas, enfermas e possuídas a virem a ele e encontrarem “descanso” para o fardo pesado que os sacerdotes não conseguiam aliviar, mas que Jesus pode. A partir desse ponto de vista, a afirmação de Jesus de que é “maior do que o templo” (Mt 12:6) parece muito apropriada. Portanto, Jesus permite que os discípulos colham espigas no sábado para manterem suas forças físicas e cumprirem seu ministério “útil” em benefício das multidões.

A OBRA COMISSIONADA POR DEUS

No contexto de Mateus 12, Jesus não parece abordar o mandamento do sábado em termos gerais, nem a tradição dos rabinos e fariseus. Ele trata, na verdade, de casos bíblicos de exceção quanto ao uso de coisas sagradas por aqueles comissionados por Deus. Os dois casos que ele menciona diferem quanto às coisas sagradas envolvidas. O relato de 1 Samuel 21 não menciona o dia em que Davi e seus homens comeram os pães sagrados, e Jesus também não entra nesse detalhe, embora provavelmente tenha sido um sábado.¹² Por outro lado, a menção aos sacerdotes nada tem a ver com fome. Assim, o ponto crucial aqui parece ser identificar o que há em comum entre os três grupos mencionados em Mateus 12:1-8 — Davi e seus homens, os sacerdotes e os discípulos.

¹² Carson (1984, p. 280) afirma que “é possível que esse evento tenha ocorrido em um sábado, visto que 1 Samuel 21:5-6 dá a entender que o pão consagrado acabara de ser substituído”. No entanto, Jesus não dá importância ao “engano de Davi, nem depende de qualquer suposição quanto ao dia em que isso ocorreu”. Por sua vez, Specht (1982, p. 95) recorda que a substituição do pão antigo pelo novo era feita no sábado. “Na visão de alguns rabinos, o dia em que Davi recebeu os pães foi o sábado”. Contudo, “as Escrituras não especificam o dia da semana”.



Um primeiro aspecto a notar em Mateus 12 é que os discípulos não eram agricultores realizando algum trabalho ilícito no sábado, nem pessoas comuns fazendo isso. Na verdade, “eles eram pregadores itinerantes que, casualmente, colhiam algumas espigas de cereal” (Carson, 1984, p. 281). A analogia feita pelo Mestre só faz sentido se considerarmos que Jesus e os discípulos estão realizando uma obra da mesma natureza que a de Davi e seus homens, e a dos sacerdotes no templo.

Davi e seus homens estavam em campanha para proteger o povo de Deus, sob a ação do Espírito de Deus (ver 1Sm 16:13; 18:5). Por isso, Davi afirma que, durante a campanha, as mulheres lhes eram proibidas e seus corpos estavam “santos” (1Sm 21:5). Por sua vez, os sacerdotes também eram ungidos e consagrados pelo Espírito de Deus para desempenhar suas funções no templo (Êx 29:1; 2Cr 23:8). Em Mateus, os Doze são igualmente comissionados por Jesus como “apóstolos” sob a autoridade divina dele (10:1-4) (Carson, 1984, p. 235). De fato, é a primeira vez que eles são chamados de “apóstolos” (Mt 10:2; em grego, *apóstolos*). Dessa forma, Jesus espera que os Doze fossem “sustentados por aqueles a quem haviam de ministrar” (ver 10:9-13; 1Co 9:14). Portanto, aplica-se a esses discípulos o princípio de que “o trabalhador é digno do seu sustento” (Carson, 1984, p. 245).

Ao perguntar aos fariseus se eles “não tinham lido” as Escrituras (Mt 12:3, 5), Jesus pretende conscientizá-los sobre a realidade de que aqueles comissionados por Deus para uma obra especial são dignos de seu sustento. A frase não indica que os fariseus falham por não lerem as Escrituras. A pergunta é retórica (ver Mt 19:4; 21:16; 21:42; 22:31). Eles falham ao não aplicar a Jesus e aos discípulos o mesmo princípio aplicado a Davi e aos sacerdotes.

Davi e seus homens

No episódio mencionado por Jesus em Mateus 12:4, Davi e seus homens estavam com fome e foram ao templo, que na época ficava em Nobe, ao norte de Jerusalém (1Sm 21:1-6). O sacerdote lhes deu o “pão sagrado” (1Sm 21:4, 6; cf. Êx 29:32). Davi disse ao sacerdote que estava em uma “missão” ou “jornada” (1Sm 21:5). É preciso considerar cuidadosamente o que Jesus quis dizer ao mencionar o episódio em que Davi e seus homens comeram os pães da proposição.



Segundo Mueller (2023a, p. 56), em Mateus 12:4, Jesus indica que o comportamento de Davi e seus homens “não era lícito”. Em sua opinião, em Mateus 12:5, Jesus emite uma espécie de veredicto contra a atitude de Davi. Neste caso, Mueller (2023a, p. 57) propõe que Mateus 12:1-8 não prevê “uma tipologia positiva David-Jesus” que é comum neste evangelho, mas uma “tipologia templo-Jesus”. Nessa perspectiva, Jesus poderia estar dizendo: “Vocês, fariseus, consideram meus discípulos iníquos por transgredirem as regras humanas. Mas quem realmente agiu ilegalmente foi Davi, a quem vocês consideram justificado, embora tenha violado a lei divina” (Mueller, 2023a, p. 57).

No entanto, embora Davi tenha mentido para Aimeleque em Nobe (1Sm 21:2), essa atitude não é colocada em perspectiva por Jesus em Mateus 12 (cf. Mueller, 2023a, p. 53-54). O que Jesus quer dizer é que Davi e seus homens comeram sem culpa os pães da proposição permitidos somente aos sacerdotes. Nesta discussão, John Nolland (2005, p. 459) afirma que “a suposição não declarada partilhada por Jesus e pelos seus interlocutores é que Davi estava justificado em seu comportamento”. E Jesus aproveita o acontecimento a favor dos seus discípulos que também tinham fome. Além disso, quando Jesus inicia o seu argumento usando a frase “Não lestes” (Mt 12:3, 5), segue-se que ele pretende a mesma condição para ambos os casos: David e os sacerdotes, como inocentes em seu comportamento.

Viljoen (2014, p. 227) acrescenta que Davi não foi punido por Deus. “Ele parece aprovar o ato e fortalece Davi para continuar sua tarefa. Da mesma forma, Jesus apoia seus discípulos. Jesus argumenta que a prática do sábado deve ser moldada pela misericórdia”. O que 1 Samuel 21-22 parece destacar é que Doeg, o edomita, é o responsável pela morte dos sacerdotes. Logo depois, em 1 Samuel 23:1-14, Davi consultou o Senhor, que lhe respondeu positivamente e o fortaleceu.

De fato, no contexto de 1 Samuel 21, Davi já havia sido ungido por Samuel para ser rei e estava sob o Espírito de Deus (1Sm 16:13). Assim, as batalhas de Davi eram batalhas do Senhor (1Sm 17:47; ver Js 1:9). O texto de 1 Samuel 16:13 diz que “o Espírito do Senhor veio sobre Davi” (em grego, *pneuma kuríou epi david*). Essa expressão estabelece um paralelo entre Davi e Jesus, sobre quem também repousava “o Espírito do Senhor” (Lc 4:18 diz, em grego: *pneuma kuríou epi eme* [Cristo]). “O ponto aqui parece ser que Davi era o ungido do Senhor, com tudo o que isso implicava” (Specht, 1982, p. 95).



Ao enviar os discípulos para pregar o evangelho e curar as pessoas, Jesus diz que eles não devem levar pão consigo, pois “o trabalhador é digno do seu alimento” (Mt 10:10). Davi e seus homens também estavam empenhados em uma obra de proteção ao povo de Deus contra os inimigos ao redor. Em algumas circunstâncias, eles também eram sustentados pelo povo. Em 1 Samuel 25, Davi pediu a Nabal que lhe desse alimento, visto que ele e seus homens protegiam os bens de Nabal (ver v. 7, 16). Nabal justifica sua recusa alegando não saber quem eram Davi e seus homens (v. 10). Nabal ignora a obra de Davi, assim como os fariseus ignoram o ministério de Jesus e de seus discípulos (Mt 12:2). No entanto, Abigail, mais sábia que o marido, provê alimento para Davi. Sua atitude foi justificada pela afirmação de que Davi “luta as batalhas do Senhor” (1Sm 25:28). Abigail reconhece a obra de Davi como sendo do Senhor e o considera digno do alimento (ver também 2Sm 17:27-29).

Sob essa perspectiva, o argumento de Jesus não significa que “o exemplo de Davi torna legítimo que qualquer israelita faminto coma os pães da proposição”. Nem a menção aos sacerdotes que trabalhavam no sábado e eram isentos de culpa significa que qualquer pessoa possa colher grãos “no sábado” (Beare, 1960, p. 134). Assim, o que o argumento de Jesus realmente significa é que ele e os discípulos estão realizando uma obra da mesma natureza que a de Davi e a dos sacerdotes: uma obra sob a comissão direta de Deus. Desta forma, Jesus indica aos fariseus que ele é o Messias e que os discípulos são seus ministros (Beare, 1960, p. 134).

Os sacerdotes

Os sacerdotes do templo estavam ocupados todos os dias da semana. Nos sábados, tinham mais trabalho a fazer, como substituir os pães da Presença (Lv 24:8) e oferecer o incenso e o holocausto diário (Nm 28:9-10).¹³ Formalmente, Jesus menciona os sacerdotes levitas como aqueles que “violam” o sábado todas as semanas (Mt 12:5), “visto que a adoração correta a Deus no templo exigia que eles realizassem o trabalho” (Carson, 1984, p. 281). Specht (1982, p. 96) recorda que “havia animais a serem abatidos, lenha a ser preparada e colocada sobre o altar”. Ele afirma que “os sacerdotes, na verdade, trabalhavam mais arduamente no sábado do que em qualquer outro dia da semana”.

¹³ Sobre o trabalho dos sacerdotes nos sábados, ver Lv 24:8, 9; Nm 28:9, 10; 1Cr 9:32; 23:31; 2Cr 8:12-14; 23:4; 31:2, 3 (ver Hendriksen, 2007, p. 513).



Contudo, o trabalho deles não era pecaminoso, pois estava a serviço de Deus. “O serviço sacerdotal deles era um trabalho justificável, pois era sagrado, e não secular” (Specht, 1982, p. 96). Nesse sentido, Carson (1984, p. 281) argumenta que os sacerdotes estavam isentos de culpa, pois a mesma lei que “instituiu o sábado” também estabeleceu “o direito dos sacerdotes” de realizar seu trabalho nele.

Esse ponto se encaixa no exemplo que Jesus apresenta em Mateus 12. Sob essa ótica, a mesma razão que justifica o trabalho dos sacerdotes também justificava o trabalho dos discípulos. Ambos os grupos estavam engajados em uma obra ordenada por Deus. No entanto, os fariseus recusam-se a reconhecer que Jesus e seus discípulos realizam tal obra para Deus. De fato, ao longo da lei do Antigo Testamento, “o Senhor prescreveu trabalho para os sacerdotes no sábado a fim de facilitar a adoração por parte de outros” e, ainda assim, “os sacerdotes jamais foram declarados culpados por tais práticas” (Weber, 2000, p. 171).

Nessa perspectiva, Specht (1982, p. 96) afirma categoricamente que Jesus “veio à terra como o Redentor do mundo”, e seus discípulos estavam “associados a ele na grande obra de redenção da humanidade, uma obra que era sagrada, e não secular”. Portanto, “era correto que eles satisfizessem sua fome física para receber forças para prosseguir com seu trabalho”. Dessa maneira, “em casos excepcionais, o sábado pode ser violado para salvar vidas humanas” (Specht, 1982, p. 96). É disso que trata Mateus 12: a exceção para aqueles comissionados por Deus para realizar uma obra em benefício do seu povo.

Maior do que o templo

Mateus descreve Jesus ensinando ao povo os princípios do Reino dos Céus, curando suas enfermidades e libertando-o de demônios. De fato, o grande ministério galileu estende-se do capítulo 5 ao 15, período no qual “as multidões reagem com entusiasmo, mas os escribas e fariseus, com crescente antagonismo” (Hendriksen, 2007, p. 439). A percepção do povo de que Jesus ensina “como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7:29) estabelece um contraste entre o ministério de Jesus e o dos escribas e fariseus.

Segundo Mateus 12:18, a superioridade do ministério de Jesus deve-se ao fato de o Mestre possuir o Espírito de Deus, conforme profetizado em Isaías 42:1-2. Os fariseus e os sacerdotes mostram-se infrutíferos no cuidado com o povo, pois não apenas “carecem



do Espírito”, mas falham em reconhecer “Jesus como o portador do Espírito” (Yang, 1997, p. 147). Por isso, odeiam Jesus e conspiram para matá-lo (Mt 12:14). O conflito torna-se explícito em Mateus 12:22-32, passagem na qual os fariseus “atribuem a obra de Jesus, realizada pelo Espírito Santo, a Belzebu” (Yang, 1997, p. 147-148). Embora Deus ame e tenha prazer em seu servo escolhido, Jesus (Mt 12:18), “os fariseus não se agradam de Jesus e de seus discípulos (v. 2, 10); pelo contrário, condenam-nos (v. 7) e, por fim, tramam contra ele para matá-lo (v. 14)” (Yang, 1997, p. 148).

Esse cenário de conflito e rejeição de Jesus como o Messias explica a atitude dos fariseus ao condenarem os discípulos por realizarem uma ação considerada ilícita no sábado (Mt 12:2). Os fariseus não aceitam que os discípulos estejam exercendo um ministério semelhante ao dos sacerdotes, que trabalham aos sábados e são considerados inocentes (Mt 12:5). Isso também explica a afirmação de Jesus de que “aqui está algo maior do que o templo” (Mt 12:6). Ao utilizar o artigo neutro grego *tou* (“o que”), Jesus sugere que ele e os discípulos exercem *um sacerdócio* em benefício do povo que é superior ao sacerdócio dos sacerdotes do templo. Carson (1984, p. 281) afirma que “isso se refere ao serviço ou adoração a Deus no qual Jesus está engajado. Isso é maior do que o serviço do templo realizado pelos sacerdotes”.

Os judeus consideravam o templo “mais sagrado do que qualquer outro objeto na terra”. Em uma declaração surpreendente, Jesus afirma que seu ministério é ainda maior do que o templo — “uma afirmação ousada” de sua identidade messiânica (Nichol, 1980, p. 392). Ao proclamar sua autoridade acima da do templo, Jesus coloca o seu ministério e o dos discípulos no mesmo patamar que o dos sacerdotes. Por isso, o trabalho deles não constitui uma transgressão da lei, mesmo quando realizado no sábado. Nesse mesmo contexto, Jesus declara que deseja “misericórdia e não sacrifícios” (Mt 12:7; Os 6:6). Portanto, se o sábado podia ser “violado” pelos sacerdotes para a realização de sacrifícios (Mt 12:5; Nm 28:9; Jo 7:22, 23), com muito mais razão poderia sê-lo pelos discípulos para demonstrar misericórdia ao curar pessoas e expulsar demônios (Mt 10:1, 8-10).

Viljoen (2014, p. 228) destaca que o ponto central em Mateus 12 é que “o serviço do templo tinha precedência sobre o sábado, e o ministério e o ofício messiânico de Jesus superam o serviço do templo”. Gregory K. Beale sugere que, quando Jesus afirma ter autoridade para perdoar pecados em Mateus 9:2-6, ele já está começando a substituir o templo como “o lugar divinamente instituído onde sacrifícios eram oferecidos para o



perdão dos pecados” (Beale, 2004, p. 177). Nesse sentido, Morris (1992, p. 303) concorda que a questão em Mateus 12 não diz respeito às pessoas em geral, mas àqueles engajados em uma obra especial para Deus. “Devemos entender isso [Mt 12:6] como uma referência à natureza do serviço e à pessoa de Jesus como alguém enviado para trazer o Reino, para o início dos eventos salvíficos”.

Ao curar o homem com a mão atrofiada naquele sábado (Mt 12:9-10), Jesus demonstra o que pretende ao afirmar que deseja “misericórdia, e não sacrifício”. Portanto, a obra adequada e lícita no sábado é fazer o bem às pessoas (Mt 12:12), e não necessariamente trabalhar para satisfazer a fome. A frase conclusiva de Jesus sobre esse evento — “é lícito fazer o bem no sábado” (Mt 12:12) — deve ser considerada sob a perspectiva do ministério de Jesus e dos discípulos de curar as pessoas de suas enfermidades e fraquezas, mesmo quando isso exige que trabalhem para se alimentar a fim de manter sua missão. De fato, Jesus curou muitas pessoas aos sábados (Mt 12:9-14; Lc 13:10-17; 14:1-6; Jo 5:9; 7:23; 9:14) (ver Weber, 2000, p. 171).

CONCLUSÃO

O evento relatado em Mateus 12:1-8 não se enquadra na tradição dos rabinos, nem significa que Jesus ameniza as exigências da Lei para o povo comum. O que há em comum entre os três grupos de pessoas envolvidos neste relato do evangelho não é a necessidade que todos enfrentam, mas o fato de que todos estão engajados em uma obra ordenada por Deus. Essa obra, divinamente instituída, justifica que eles “transgridam” regras divinas necessárias para cumprir seu ministério.

Assim, o que justifica os discípulos “colherem espigas” no sábado é o mesmo princípio que justificou Davi “comer” os pães sagrados e o mesmo que justificava os sacerdotes ao “transgredirem” o sábado e permanecerem inocentes. Todos eles estão cumprindo uma missão ordenada por Deus.

O contexto de Mateus 12:1-18 é o da pregação do evangelho e da cura de pessoas que são como ovelhas sem pastor. Nesse caso, aqueles autorizados por Jesus a “colher espigas” no sábado são os discípulos e servos do evangelho quando sentem fome durante a missão. Se sacrifícios podiam ser realizados no sábado, com muito mais razão podem ser realizados atos de misericórdia, como curar e salvar pessoas. Portanto, o que é “lícito”



ou permitido fazer no sábado é pregar o evangelho, curar pessoas, purificar leprosos e expulsar demônios; tudo isso significa “fazer o bem” (Mt 12:10, 12; ver 10:7-8).

Os fariseus demonstraram não considerar a obra de Jesus e de seus discípulos como um novo sacerdócio destinado a substituir o templo. Por isso, não estavam dispostos a permitir que colhessem espigas no sábado. No entanto, Jesus afirma que ali “está *o que* é maior do que o templo” (Mt 12:6). Jesus, juntamente com os discípulos, está substituindo o ofício sacerdotal. Nessa perspectiva, a obra de pregar o evangelho e levar as pessoas a entrar no Reino de Deus deve prosseguir “todos os dias, e especialmente no sábado” (Wahlen, 2020). Assim, ao defender os discípulos que colhiam espigas no sábado para saciar a fome, Jesus recorre à permissão dada a Davi e aos seus homens para comerem o pão sagrado — reservado somente aos sacerdotes — e ao fato de que os sacerdotes podiam realizar seu trabalho no sábado sem incorrer em culpa. O argumento de Jesus só é válido sob a premissa de que os discípulos exercem funções que os colocam no mesmo nível dos sacerdotes e do rei Davi (Beare, 1960, p. 135).

Nessa perspectiva, em Mateus, o ministério de Jesus e dos discípulos — de pregar o evangelho e curar as pessoas — é superior ao ministério de todo o sistema do templo. O jugo de Jesus mostra-se útil no cuidado com pessoas que, embora estivessem muito próximas do templo e dos sacerdotes, eram como ovelhas sem pastor. Por fim, é preciso cautela ao ler Mateus 12 para não concluir que Jesus está autorizando os discípulos e outros missionários a violar qualquer lei, sob a suposição de que o serviço a Deus precede a lei. Deve-se considerar que a questão em pauta, nesse contexto, é somente a satisfação da fome dos discípulos no sábado, a fim de dar continuidade à missão do evangelho.

REFERÊNCIAS

BEALE, G. K. **The temple and the church's mission**: a biblical theology of the dwelling place of God. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

BEARE, F. W. The sabbath was made for man? **Journal of Biblical Literature**, v. 79, n. 2, p. 130-136, 1960. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3264463>. Acesso em: 4 ago. 2026.

BIN-NUN, R. Y. The textual source for the 39 Melachot of shabbat. **TheTorah.com**, 2013. Disponível em: <https://www.thetorah.com/article/the-textual-source-for-the-39-melachot-of-shabbat>. Acesso em: 4 ago. 2026.



CARSON, D. A. **Matthew**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984. (The Expositor's Bible Commentary, v. 8).

CULPEPPER, R. A. **Matthew**: a commentary. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2022.

DAVIES, W. D.; ALLISON JR., D. C. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to Saint Matthew**. New York: T&T Clark, 1991. v. 2.

DEUTSCH, C. **Hidden Wisdom and the easy yoke**: wisdom, torah and discipleship in Matthew 11:25-30. Sheffield: JSOT Press, 1987. (Journal for the Study of the New Testament Supplement, v. 18).

FRIBERG, T.; FRIBERG, B.; MILLER, N. F. **Analytical lexicon of the Greek New Testament**. Victoria, BC: Trafford, 2005.

GINGRICH, F. W. **Shorter lexicon of the Greek New Testament**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

GREEN, M. **The message of Matthew**: the kingdom of heaven, the bible speaks today. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.

HENDRIKSEN, W. **Matthew**: New Testament commentary. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007.

MCIVER, R. K. The sabbath in the gospel of Matthew: a paradigm for understanding the law in Matthew. **Andrews University Seminary Studies**, v. 33, n. 2, p. 231-244, 1995. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2313&context=auss>. Acessado em: 4 jul. 2026.

MITCHELL, M. W. The yoke is easy, but what of its meaning? a methodological reflection masquerading as a philological discussion of Matthew 11:30. **Journal of Biblical Literature**, v. 135, n. 2, p. 321-340, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15699/jbl.1352.2016.3087>. Acesso em: 4 ago. 2026.

MORRIS, L. **The gospel according to Matthew, the pillar New Testament Commentary**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992.

MUELLER, E. The sabbath in the gospel of Matthew: part 1. In: MUELLER, E.; MUELLER, E. (eds.). **The Sabbath in the New Testament and in theology**: implications for Christians in the twenty-first century. Silver Springs, MD: Biblical Research Institute, 2023a. p. 36-101.

MUELLER, E. The sabbath in the Gospel of Matthew: part 2. In: MUELLER, E.; MUELLER, E. (eds.). **The sabbath in the New Testament and in theology**: implications for Christians in the twenty-first century. Silver Springs, MD: Biblical Research Institute, 2023b. p. 102-138.



NICHOL, F. D. (ed.). **The Seventh-day Adventist bible commentary**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980. v. 5.

NOLLAND, J. **The gospel of Matthew**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.

RIBBENS, B. J. Whose ‘mercy’? what ‘sacrifice’? a proposed reading of Matthew’s Hosea 6:6 quotations. **Bulletin for Biblical Research**, v. 28, n. 3, p. 381-404, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5325/bullbiblrese.28.3.0381>. Acesso em: 4 ago. 2026.

RORDORF, W. **Sunday**: the history of the day of rest and worship in the earliest centuries of the Christian church. Philadelphia: Westminster Press, 1968.

SPECHT, W. F. The sabbath in the New Testament. In: STRAND, K. A. (ed.). **The sabbath in Scripture and history**. Washington, DC: Review and Herald, 1982. p. 92-113.

TURNER, D.; BOCK, D. L. **Cornerstone biblical commentary**: Matthew and Mark. Carol Stream, IL: Tyndale, 2005. v. 11.

VILJOEN, F. P. Hosea 6:6 and identity formation in Matthew. **Acta Theologica**, v. 34, n. 1, p. 214-237, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4314/actat.v34i1.12>. Acesso em: 4 ago. 2026.

WAHLEN, C. Lessons from Matthew 12. **Reflections**, n. 71, p. 3-5, jul. 2020. Disponível em: <https://adventistbiblicalresearch.org/articles/lessons-from-matthew-12>. Acessado em: 4 jul. 2026.

WEBER, S. K. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2000. (Holman New Testament Commentary, v. 1).

YANG, Y. **Jesus and the sabbath in Matthew's Gospel**. London, UK: Bloomsbury, 1997.

Submetido em: 01/06/2026

Aprovado em: 18/08/2026

DOI: <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v21.n1.pe2174>